

AO REY FIDELISSIMO
DOM JOSÉ I.

NOSSO SENHOR,
COLLOCANDO-SE A SUA COLOSSAL
ESTATUA EQUESTRE
NA PRAÇA DO COMMERCIO,

O D E

POR JOAQUIM MACHADO DE CASTRO,
ESTATUARIO DA MESMA
REGIA ESTATUA,
E DE TODA A ESCULTURA ADJACENTE.



L I S B O A
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXV.
Com Licença da Real Meza Censoria.

AO REY FIDELISSIMO
DOM JOSÉ I.
NOSSO SENHOR.
O D E.



I.

Ublime assumpto emprendo arrebatado:
Por vós, ó Grande REY, affino a Lyra
No Pindo decantado.
E quem, SENHOR, se admira,
Que o Plectro, e o Defenho
Dem amigos as mãos ao mesmo empenho? (1)

* ii

II.

(1) As Artes do Defenho, *Escultura*, e *Pintura*, são irmans gémeas; e tão unidas com a *Poesia*, que ás vezes lhe trocam os nomes; chamando á *Poesia*, *Pintura* (ou *Escultura*) eloquente; e ás duas do Defenho, *Poesia* (ou *Rbetorica*) muda. Nas duas mencionadas do Defenho, todos os professores, que nellas se distinguíram, ou fizeram versos, ou não lhes faltou o Estro, ainda que o não exercitassem: e dos que lhe deram exercicio, nomearemos alguns dos mais notaveis.

Michelangelo Buonaroti, o maior de todos os Escultores, que florecêram do quinto seculo até o presente, fez bem os versos; e se conservam obras suas impressas.

João D'Arfe, Escultor em prata, fez com tanta facilidade os versos, que na sua Obra, que intitidou: *Varia commensuracion*, cantou em oitava rima todos os preceitos, que escreveo em prosa.

O Imperador Adriano foi professor de Escultura, Pintura, e Póesia; affim como de outras Artes, e Sciencias.

Apollodoro, célebre Escultor, e Pintor, escreveo em verso os louvores de Zeuxis.

Pacuvio Romano, e sobrinho do Poeta Ennio, foi Pintor, e Poeta.

André Orgagna, Escultor, e Poeta.

Leonardo da Vinci, Florentino, foi Pintor, Escultor, e Poeta.

Salvador Rosa he tão conhecido pelo pincel, como pela sua Lyra.

Carlo Alfon. Dufresnoy, Pintor, compoz hum Poema Latino, em que dá preceitos conducentes ás duas Artes do Defenho; Obra a mais douta, que ha neste genero.

M. Watelet tambem fez hum Poema da Arte de Pintar.

Tambem foram Poetas outros muitos Pintores, e Escultores, que não nomeamos, por evitar a prolixidade.

(4)

II.

Se venturoso tive a immensa gloria
De esculpir vossa Imagem Soberana,
 Outra illustre memoria
 Exponho á Lusitana
 Gente, e ao culto Universo,
Vossa Effigie tambem mostrando em verso.

III.

Essa vossa Real Benignidade,
O terno amor de Pai, que em vós achamos,
 A candida Equidade,
 Os bens, que hoje gozamos,
 Uteis para os vindouros,
Tecendo-vos estam immortaes louros.

IV.

Logo que a rédea grave, ao Reino vosso
Tomastes déstro, vimos que prudente
 Mão, em proveito nosso
 Regia sábiamente;
 Vindo do Throno eterno
Astréa acompanhar-vos no governo.

V.

E para que os projectos Magestosos,
Que na sublime Idéa concebestes,
 Se vissem decorosos,
 Hum Varão elegestes, (2)
 A quem determinastes
A grande execução do que pensastes.

VI.

(2) O Illustrissimo, e Excellentissimo MARQUEZ DE POMBAL, figurado no baixo-relevo da frente do Pedestal.

VI.

De POMBAL o MARQUEZ, que em todo o Mundo
Tem a gloria da Patria dilatado,
Com seu saber profundo,
Espirito elevado,
Vossos altos conceitos
Mostra com gloria ao Orbe nos effeitos.

VII.

Gemeo a Illustre Lyfia esmorecida,
Por subterraneo impeto abalada;
Quasi exhalando a vida,
Em fustos suffocada:
Mas o CARVALHO forte
Novo alento lhe dá, livra-a da morte.

VIII.

Que vejo! Ai Grande REY! Que fusto interno!
Falta-me a voz ... o sangue se me esfria.
Vejo as Furias do Averno
A negra Hypocrisia ...
Erguerem-se raivosas,
Revolvendo tormentas horrorosas.

IX.

Não querem não, não soffrem vossa gloria;
Nem que ao Varão preclaro a Fama cante;
Porém maior victoria
Vossa, e do forte Athlante,
Benigno o Ceo prepara,
Que a mesma opposição faça mais clara.

(6)

X.

Montais fereno o bruto generoso,
C'o Alcides Lusitano ao vosso lado;
 Já pizais o orgulhoso
 Viperino filvado,
 Dando os mais formidaveis
Golpes, que extinguem monstros detestaveis.

XI.

Cahe a infame Traição; a fraudulenta
Calumnia; a Inveja; e envolta neste estrago
 A Soberba violenta;
 Prezas no Estygio lago
 Ficam juntas c'o a Guerra;
Livre em fim de veneno a Lusa terra.

XII.

Abre-se o Ceo, e sahe resplandecendo
A Paz, a fanta Paz, com a Abundancia;
 Sobre nós vem descendo
 Diffundindo fragrancia;
 E as vozes concertando,
Que assombro! desta sorte ambas cantando.

XIII.

Lusitanos, voai c'o brio ardente,
Que a Natureza infunde em vossos peitos;
 Do júbilo eminente
 Se vejam os effeitos,
 Que entre vós a Ventura
Já de seu rosto mostra a formosura.

XIV.

(7)

XIV.

Pelo REY generoso convocada
Foi, e do alto Mecenas conduzida ;
 Que para venerada
 Ser, e entre vós detida,
 Benigno lhe reparte
Seu singular influxo em toda a parte.

XV.

Do Augusto, o Varão grande esta Intendencia
Recebe, executando o egregio intento :
 Com sábia providencia
 Faz que as Leis fundamento
 Sejam da grande empreza ;
As Leis, que á Monarquia dam firmeza.

XVI.

As ordens, que ao Colono determina,
Fazem brilhar os campos na cultura :
 Em prestante doutrina
 O Commercio se apura ;
 E os frutos do socego
Tornam, Minerva, ás margens do Mondego.

XVII.

De mais sublime espirito alentando
Todo o Estado, a Metropoli enobrece ;
 Que outro garbo tomando,
 Mais pomposa apparece,
 Com felices auspicios
Nas ruas, praças, portos, e edificios.

XVIII.

XVIII.

Que efficacia, que industria, que presteza!
Como se vem voar graves madeiros!
Vencendo a Natureza
Andam montes inteiros!
Ferve a obra, e Lisboa,
Milagre do artificio a Fama a entoa.

XIX.

Applicado o Varão, sempre constante,
Graça tanta lhe infunde, e tanto brio,
Que do bello semblante
Já namorado o Rio,
Lhe está os braços dando,
E rendido, ou cortez os pés beijando.

XX.

Intentai (para vossa maior gloria)
Que do facundo Grego o nome esqueça:
Mais justo he que a memoria
Do Excelso REY florea:
A Cidade outro nome
Derivado do Augusto, altiva tome.

XXI.

Affim cantavam: quando hum Monumero
Dispõem, sabio o Marquez, se Vos levante;
A que o fiel Povo attento,
Quer que na acção brilhante
Possa a Idade futura,
Na Vossa Imagem ver nossa ventura.

XXII.

Oh quanto brilha a mole Magestosa
 Com a Effigie , em que o bronze se enriquece ! (3)
 Obra a mais primorosa ,
 Que a Fundição conhece ;
 Fonte da viva chama ,
 Que do Costa pelo Orbe estende a Fama. (4)

(3) O estar o Heroe vestido de armas brancas , deve alludir á heroica fortaleza , com que Sua Magestade tem defendido os-seus povos das perniciosas máquinhas tendentes á ruina desta Monarquia. O ser montuoso (com varias filvas , e cobras) o plano , em que assenta a Estatua , pizando o cavallo as cobras , e filvado , allude a todos os embaraços , que se vencêram para a reedificação ; e a todas as maximas viciosas , que se extinguíram para felicitar o Estado.

Os dous Grupos de figuras de marmore , que estam dos lados , e constam de dous *Prizioneiros de guerra* , a *Fama* , e o *Triunfo* , hum *Cavallo* , e hum *Elefante* , atropellando os *Prizioneiros* , e varios despojos de campanha ; mostram , que Portugal em diversos tempos teve gloriosos triunfos , &c.

O Painel de baixo-relevo esculpido na pedra convexa , mostra no principal lugar huma figura de mulher com coroa na cabeça , e vestes Reaes , que representa a *Generosidade Regia* está em pé , e como descendo do Throno , para mostrar promptidão em proteger a *Cidade* , que se representa em outra figura de mulher ; e se vê em baixo como desmaiada , encostando a mão esquerda em hum escudo , com as Armas do Senado de Lisboa , para mostrar que figura he. Do lado direito , a figura de Varão , vestido de armas , com lança na mão esquerda , e hum ramo de oliveira , representa o *Governo da República* , o qual com a mão direita mostra querer levantar a *Cidade*. O Menino alado , coroado de louro , e de huma estrella , com tres coroas de louro na mão esquerda , representa o *Amor da Virtude* , que com a mão direita péga no braço ao *Governo da República* , guiando-o á presença da *Generosidade Regia* , com o intento de levantar a *Cidade* : e para mostrar que a *Generosidade Regia* lhe parece bem o projecto , se fez em acção de mostrar com a mão esquerda , onde se ha de reedificar ; e alli se vem em relevo mais baixo princípios de edificação , com columnas , mastros , &c. e com a mão direita lhe mostra os meios , que lhe dá , no *Commercio* , na *Providencia* , e na *Arquitectura*. O *Commercio* representa-se na figura de Varão nobremente vestido , que se vê ajoelhado ante a *Generosidade Regia* , offerecendo-lhe em hum cofre aberto as riquezas. A *Providencia humana* representa-se na figura de mulher , coroada de espigas de trigo , segurando com a mão esquerda hum leme ,

XXIII.

E eu, (ainda que já visto,) froxo, e rudo
Para empresa tamanha, tão sublime,
Na Escultura, com tudo,
Que a Imagem vossa exprime,
Tive por forte a chave
» Deste commettimento grande, e grave.

XXIV.

Posto que só a engenho relevante
O novo, e nobre assumpto pertencia,
Eu o empenho constante
Com valor, e ousadia,
Crendo que pelo affecto
Excedo Phídias, Miro, e Policleto.

XXV.

e duas chaves; e como fallando com o *Commercio*, lhe mostra a *Arquitectura*, que se representa na outra figura de mulher, que traz na mão direita hum compaço, e hum esquadro; e com ambas as mãos segura hum papel, em que se vê desenhada a planta da Cidade, como que lha entrega para guia da reedificação.

Todas estas figuras se dam a conhecer pelos seus attributos, ou insignias. A *Generosidade*, pelo *Leão*, que he symbolo desta virtude. O *Commercio*, pela *Cegonha*, e pelas *mós de moinho*, que são seu symbolo: e assim as mais, como fica declarado.

(4) O Brigadeiro Bartholomeu da Costa, homem raro, que a Mão do Omnipotente quiz produzir para credito da Nação Portugueza, merecedor de que todos se empenhem em louvallo, eu o espero fazer em obra mais diffusa; atrevendo-me a dizer, (sem temeridade) que entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor lugar, porque tenho mais razões para conhecer o primor, com que a Fundição exprimio tudo quanto a Escultura fez.

(11)

XXV.

Quanto não faz Amor! que forças, que arte
Não diffunde nos peitos, que elle inflamma!
He delle a melhor parte
Nesta obra: a sua chamma
Fez em mim tal effeito,
Que á mente me deo luz, audacia ao peito.

XXVI.

Do Regio Solio olhai para o Traslado,
Que Vos dedico, em rasgos numerosos;
A fim de que animado,
Vossos feitos gloriosos
Publique, ora cantando,
Ora as vossas Imagens expressando.

F I M.



<http://biblioteca.ciarte.pt>